

Officina de composição  
e impressão de  
MANUEL BAPTISTA TORRES  
R. DE S. MARTINHO  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO

PROPRIETARIO E DIRECTOR  
Manuel Baptista Torres  
Redacção e administração  
R. de S. Martinho, AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 413

**Assignaturas**  
AVEIRO—Um anno, 1200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2500. Semestre, 1250 réis (fortes).

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

**Publicações**  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.

8.º ANNO

PAGAMENTO ADIANTADO

NUMERO AVULSO, 30 REIS

## CONSIDERAÇÕES

### A PROPOSITO DOS ULTIMOS ACONTECIMENTOS

Um bando d'energumenos. Ou dirigindo as ultimas injurias aos padres, ou proclamando que se não devem afirmar os principios democraticos que regulam a liberdade de consciencia, nem instruir o povo sobre os absurdos que contem todas as religiões, para attrahir os padres. Ou dirigindo as ultimas injurias aos officiaes do exercito, aproveitando para isso as peiores occasiões, como quando algum d'elles é victima da revolta do soldado, ou calando os crimes e os vicios dos officiaes, ou adulando mesmo grosseiramente, inhabilitando os officiaes, para os attrahir ao seu partido. Ou proclamando que a plutocracia é a grande inimiga da democracia, ou desbarretando-se ignobilmente deante dos plutocratas. Ou insultando os monarchicos a toda a hora, dizendo-os todos incapazes, todos corrompidos, todos indignos, todos infames, ou fazendo indecente namoro aos monarchicos, enviando-lhes beijinhos com os dedos, acenando-lhes com o lenço, abrindo-lhes os braços. Ou elevando os seus homens até ás nuvens, com tão exaggerados louvores que provocam o riso publico, ou rastejando deante d'aquelles que da monarchia se passam para a republica, dando assim a impressão de que os seus homens não tem valor nenhum. Ou dizendo-se anarchistas, e praticando actos de verdadeiro anarchismo no sentido vulgar e tradicional do termo, ou fazendo afirmações de conservantismo e procedendo como os mais odiosos reaccionarios. Enchendo a bocca com liberdade, sujando o papel com tolerancia, e dando provas constantes do maior desprezo pela liberdade e da mais feroz intolerancia. Falando a toda a hora do povo, mas desprezando profundamente o povo, o que o mais vulgar espirito reconhece nos seus actos,—todos d'um snobismo pelintira, todos modelados comicamente pelos da gente do *bon tom*,—no abandono completo das questões de vital interesse para o povo, e, até, na maneira de escrever e de falar do povo, pois que se das suas palavras resalta sempre o proposito especulativo d'attrahir o povo, nunca n'ellas se apalpa o accento caloroso, o tom de carinho, o cunho de sinceridade, que são inherentes a todas as grandes convicções, que são attributo de todo o amor, que jámais enganaram os espiritos observadores, quando se fingem, e que até as pedras das calçadas conhecem na sua espontaneidade. Verdadeiros jacobinos,—tomando nós agora aqui jacobinismo pela paixão baixa, pelo vil espirito de facção, sem outra méta que não seja o interesse grosseiro ou criminoso de quadrilha,—e falando a cada passo desprezadamente dos jacobinos, tomando elles jacobinismo na accepção que durante um seculo lhe tem dado os reaccionarios, isto é, como desprezo das grandes convicções, dos grandes ideaes, das grandes paixões, que se produziram horrores, tambem

produziram os grandes actos que libertaram a humanidade, os grandes principios de que se tem alimentado e de que ainda hoje se alimenta a humanidade; o jacobinismo d'esses jacobinos tão cheios de talento, tão cheios de abnegação, tão cheios de coragem, com tão largas e tão productivas aspirações, que até nos seus erros merecem o respeito e a sympathia dos que verdadeiramente amam os ideaes, os ideaes de progresso, de aperfeiçoamento, de libertação, os ideaes d'aquelles que só tem que se honrar em manter erguida a bandeira que a morte pela justiça e pela verdade fez cair das mãos d'esses vultos gloriosos, e só que se envergonhar pelos productos enfermicos que no seculo vinte, do alto d'uma tripeça burlesca de pretendida superioridade, zombam d'esses jacobinos,—que, melhor do que Jesus, déram todo o seu sangue pela humanidade,—e dos *immortals principes* que elles proclamarão. Um bando d'energumenos. Sem principios, sem plano, sem rumo, sem ordem, sem governo. Energumenos todos. Desde o que veste o saiote de enxota-cães até ao que enverga a capa de pontifical. Um bando d'energumenos. Apregoando a mais absoluta intransigencia com monarchicos quando seria possivel evitar a queda da liberdade, e sempre promptos a approximar-se de monarchicos depois de terem feito cair por terra a liberdade. Apregoando, como recurso unico, como recurso exclusivo a revolução, e fugindo como bando de pardeas chegado o momento que,—parecia a todo o mundo,—haviãam provocado para fazer a revolução. Já era espantoso que os chefes d'um partido democrata—como alguns dos mais qualificados do republicanismo indigena—desprezassem as eleições, e todos os meios d'educação e disciplina democratica, e todos os meios de evolução, como se fazia, como se propagava entre nós. Fazia-se isso. Tem-se feito isso. E isso, só por si, já era espantoso. Mas foi alem de todos os espantos, até degenerar na gargalhada d'um entremez, esse facto unico, esse facto, sem attenuantes na vergonha, de se andar a ameaçar, a ameaçar, a ameaçar com a revolução, a prometter, a prometter, a prometter a revolução, a proceder com o arreganho, com a embolia, com a insolencia de quem trazia realmente no bolso a revolução para... se chegar á fraqueza aviltante de que o partido republicano dá provas n'este instante. O partido republicano ameaçava com a revolução, promettia a revolução, dava por certa a revolução, provocava uma situação violenta que desse ensejo á revolução, quando o partido regenerador se mantinha ao lado da corôa e quando o partido progressista se identificava com o franquismo. Afasta-se da corôa o partido regenerador. Afasta-se da corôa e do governo o partido progressista. Fazem os dois

e os dissidentes meio caminho revolucionario. E o partido republicano não realisa a tão apregoada, a tão promettida, a tão cantada revolução! E' um partido, ou é um bando d'energumenos? Nem são sérios os chefes que, pela sua imbecillidade, conduziram a esta situação burlesca, nem são sérios os partidarios que, deante de taes chefes, ficam de braços cruzados. O que foi que nós dissémos sempre aqui? O que andámos, no meio dos odios de todos esses energumenos, e soffrendo as consequencias d'esses odios, o que andamos aqui dizendo tantos annos? Não ha duvida, diziamos nós, que o temo d'esta contenda ha de ser a revolução. Mas em vez de apregoar a revolução sem preparar a revolução, preparemos a revolução e apregoemos o menos possivel a revolução. Ha duas forças que conduzem á revolução: a força material e a força moral. Para tornar possivel a força material é preciso armar o povo. O exercito não toma facilmente a iniciativa d'um movimento revolucionario. Ainda que a tome, exige que o apoiem forças populares. Ainda que não o exija, se o partido republicano conserva entre os seus chefes alguém que tenha um bocadito de juizo, o partido republicano não pôde nem deve limitar á caserna um movimento revolucionario. Portugal não está na America. O que foi de consequencias faceis no Brazil poderá ser de consequencias graves entre nós. Portugal está na Europa e na Europa não é a Servia, a Servia metida entre a rivalidade da Austria e da Russia, e a Servia sem colonias. A revolução republicana em Portugal, para ser respeitada, precisa de mostrar bem que é uma revolução nacional. Armado o povo, ou, antes, comprado o armamento e introduzido em Portugal, é preciso instruir o povo no manejo d'armas. Vão ás carreiras de tiro, diziamos nós. Tantas vezes fizemos es a propaganda! Homens dos jornaes, dirigentes republicanos que tendes o recurso da conferencia, que tendes a arma formidavel das commissões parochiaes, fazei, por meio do jornal, da conferencia, da commissão parochial, a propaganda do tiro nacional. Aproveitae, no que ellas tiverem d'util e conveniente, as leis da propria monarchia. Tantas vezes o aconselhámos! Mas não basta a força material. E' muito mais o espirito, do que os braços, que maneja as armas. E' indispensavel que os braços possam executar as ordens do espirito. Por isso são precisas as armas e por isso é preciso que os braços se saibam entender com as armas. Mas a ordem suprema ha de emanar do cerebro. Ou, por outra, a força moral domina a força material. Sem força moral não ha exercitos possiveis. Nem exercitos de caserna, que tem a seu favor os recursos enormes d'uma legislação especial, que se preparam para a guerra a todo o instante, quanto mais exercitos de chafarica partidaria. Sem essa força nenhum exercito obtem o triumpho por melhores que sejam os seus recursos materiaes. E' preciso combater, diziamos nós a toda a hora, os vicios capitaes d'este povo. Combate-los, em vez de os adular. E' preciso arrancar este

povo á indifferença em que elle vive e, para isso, é urgente ensinar os ignorantes, é indispensavel inspirar confiança aos que sabem. Em vez de passarmos a nossa vida a injuriar os ministros e o rei, passemos-la a estudar os problemas da governação publica que ignoramos. Não nos limitemos a abstracções, que nada provam. E' facil copiar programmas. E' difficil mostrar que sabemos executar os numeros d'esses programmas. E para mostrar que os sabemos executar, nada de deducções doutrinarias em longas paginas. Mostremo-lo na discussão das questões diarias de interesse nacional. Não é a declamar constantemente, não é a chafardar n'um vergonhoso elogio mutuo, n'um indecente reclame, não é a sagrar idolos, a fazer santos, e a bater nos peitos, servilmente, deante d'esses idolos, que nos havemos de impôr á confiança d'esta terra. Não é a achar mau tudo quanto fazem os monarchicos *por que são monarchicos*, nem a achar bom tudo quanto fazem os republicanos *porque são republicanos*, que havemos de provar a nossa superioridade sobre os monarchicos. Se o ladrão, se o assassino, se o falsario só é criminoso porque é monarchico, lavrãmos estupidamente a formal condemnação dos principios republicanos. Não é, com espanto, a imprensa do partido republicano, os seus conferentes, os seus tribunos, exaltar corruptos, santificar ladrões, defender assassinos, ao par e passo que pediam *queima* para a dissolução monarchica, só porque corruptos, ladrões, assassinos eram republicanos. Não havia coherencia de principios, nem coherencia de processos, nem coherencia de pessoas. A pretexto de *conveniencias politicas* saltou se por cima d'isso tudo. Era uma *conveniencia politica* não afirmar principios em materia religiosa. Era uma *conveniencia politica* não fazer seleccões, e santificar o tratante como o honesto. Não se faziam seleccões e tão bem, ou melhor, se tratavam os tratantes, como os honestos. Isto é, os dirigentes do partido republicano nem eram intelligentes, nem eram honestos. Em nome da *conveniencia politica* não faziam senão praticar a maior das *desconveniencias politicas*, que é não inspirar confiança a ninguém. A ninguém. Não inspiravam confiança nem pela sua capacidade, nem pela sua *habildade*, nem pela sua moralidade. E, d'essa fórma, deixando o seu exercito sem nenhum dos elementos materiaes para fazer a revolução e para o deixavam sem a força moral indispensavel para o levar á revolução e para o fazer triumphar na revolução. Um grande erro. Uma insensatez formidavel. Um verdadeiro crime. Querem se emendar? Pódem, sabem-se emendar? Mãos ás obras, e verão como ainda recuperam o tempo perdido. Não querem? Não sabem? Não pódem? Não se illudam, n'esse caso, com o numero dos partidarios. Um gran de exercito, n'essas condições, não vale uma guerrilha de bons soldados.

Não se illudam. Deixem, então, que se cumpram, sem luctas de maior, os designios da fatalidade.

### C A E L A

Dissémos, no artigo anterior, que só um pelotão de cavallaria havia feito fogo, fogo individual, fogo de revolver, fogo de carabina, não fogo á voz e por descargas, e, mesmo assim, depois d'uma perseguição cruel e d'uma situação muito critica para os soldados. Eis a prova:

«Le mercredi 19, à huit heures et demie, un peloton de cuirassiers, au nombre d'une vingtaine et précédés par quelques gendarmes, était parti du carrefour de la Révolution. Le peloton marchait en ordre de bataille au trot; il ne chargeait pas, tant s'en faut; il n'y avait aucune raison de le faire, puisque la chaussée du boulevard Gambetta était absolument libre. Il faut noter, toutefois, qu'au même moment, on tentait d'incendier la porte de la sous-préfecture.

Les cuirassiers passent ainsi devant le bar où Ramon fut tué; mais, en arrivant face à ce bar, ils découvrent dans les ruelles avoisinantes, notamment la rue Paul-Louis-Courier, une bande de trois cents à quatre cents manifestants qui les laissent passer sans mot dire, mais sèment immédiatement après leur passage des têtes de pot, des bouteilles brisées, des clous sur le boulevard.

Les cuirassiers continuent leur marche; de la terrasse du café Glacier un individu les voit arriver; cet individu s'était assis quelques secondes auparavant à la table même où trois consommateurs originaires de Narbonne avaient déjà pris place. Dès qu'il aperçoit les cuirassiers, l'individu se lève: — Ah! s'écrie-t-il, il y a des cuirassiers ici. Eh bien! Je vais vous montrer comment on les disperse.

Et, sortant un revolver de sa poche, il fit feu à trois reprises sur le peloton qui, à ce moment, parvenait à sa hauteur et se dirigeait sur la barricade élevée en avant du pont de la Liberté.

Derrière cette barricade se trouvaient des Narbonnais qui, en entendant des coups de feu, crurent que c'étaient les cuirassiers qui tiraient. Une grêle de pierres partit alors de la barricade. L'individu cependant disparaissait. Le peloton fut obligé de tourner bride: deux ou trois hommes étaient blessés. Le peloton était furieux; il écoutait néanmoins la voix de l'officier et des sous-officiers qui leur prêchaient le calme. Or, à leur retour sur le boulevard Gambetta, ils trouvent ce boulevard semé de projectiles de toutes sortes. Ils ralentissent l'allure, et là, tandis qu'ils sont au pas, évitant soigneusement pour leurs chevaux les éclats de verre et les clous une nouvelle grêle de pierres, toujours résultat des premiers coups de feu qu'on leur attribue faussement, s'abat sur eux.

Ce fut l'étrécelle qui mit le feu aux poudres. Quelques cuirassiers lâchèrent le sabre, qui pour la carabine, qui pour le revolver, et tirèrent dans le tas. C'est ainsi que Ramon fut tué et sa fille blessée.»

Ora eis como as coisas se passaram. Lemos alguns jornaes, mesmo aquellas que, atacando apaixonadamente o ministerio, não acceitam rigorosamente a versão que ahí fica. Mas a convicção, que nos resultou d'essa leitura, é que a verdade é essa e só essa.

Não somos dos que pretendem que seja bom tudo quanto se faz em republica. Sabem no muito bem os leitores do *Povo de Aveiro*. Não queremos mesmo dizer que se não tenham commettido agora em França alguns excessos, da parte do governo e das autoridades. Queremos apenas provar que por mais brutos que tenham sido as tropas e as autoridades em França não ha comparação possivel entre essa brutalidade e a que, em casos identicos, se pratica sempre em Portugal.

Não exigimos—ninguém pôde ter tão asnática pretensão—que officiaes e soldados se deixem assassinar. Mas temos o direito de exigir toda a prudência, toda a brandura, toda a tolerancia n'aquelles que dispõem de recursos tão extraordinarios como dispõe a força publica.

Isto que se chama em Portugal *valentia*, isto de responder com uma descarga ás primeiras injurias ou ás primeiras pedradas vindas da multidão, é a maior das covardias. Isto de levar o povo á coronhada só porque o povo não obedece rapidamente aos primeiros avisos ou ás primeiras admoestações, é, em vez d'uma affirmacão de auctoridade, a affirmacão do mais revoltante despotismo.

Comprehendem-se excessos no povo, que não tem disciplina, que não tem educação, que não tem immediatas responsabilidades. Não se comprehendem n'aquelles que em nome do povo e á custa do povo exercem auctoridade e que dispõem para se disciplinar, para se educar, para se defender e, em ultimo caso, para atacar, de meios de força que o povo não possui, de meios de força susceptíveis de lhes garantirem um indiscutível triumpho, de meios de força verdadeiramente extraordinarios.

Não admira que os soldados francezes, nas condições que ficam referidas, fizessem fogo. Ha dois dias e duas noites que lutavam. Ha dois dias e duas noites que eram injuriados e apedrejados. Viam cair feridos os seus camaradas. O pequeno pelotão, atacado pela frente, quer retirar, mas vê a retirada prejudicada pelos vidros e pedras que enchiam o leito do boulevard. O povo, exaltado e feroz, depois de o ter atacado pela frente ataca-o pela retaguarda. Valha-nos Nossa Senhora, que todos temos direito á vida! Acabam as tolerancias, finda a abnegação, exgota-se a paciencia onde começa o direito e o dever de defender a existencia seriamente ameaçada.

O que se tem dado de parecido com isto em Portugal?

Os soldados do pelotão francez não só não recebem voz de fogo do seu official, como, no momento mais critico, este e os sargentos lhes recommendam ainda serenidade.

O que se tem dado de parecido com isto em Portugal? Aqui é fogo, e fogo, e fogo, á mais ligeira desordem. Aqui carrega-se, carrega-se, e carrega-se, á mais insignificante desobediencia aos mandados da sagrada auctoridade.

Em França, porque os soldados não fizeram fogo depois dos tres toques e das tres intimações da ordenança, como era natural, pois fizeram fogo sem ordem, vae uma verdadeira tormenta. E' esse o cavalleto de batalha dos jornaes, dos deputados, dos senadores da opposição. Em Portugal faz-se sempre fogo á voz dos officiaes, sem os tres toques, sem as tres intimações da lei, e ninguém se incommoda com isso. Ninguém. Nem monarchicos, nem republicanos. Estes, se falam n'isso, é depois das nossas campanhas do Povo de Aveiro, e mesmo assim para que se não diga que levam o seu relaxamento e o seu desprezo pelo direito até ao ponto de não dizerem nada. Isto é, se falam conhece-se das suas palavras que o fazem sem amor, sem convicções, sem enthusiasmo.

Mas vamos ao resto, que o mais interessante ainda nós o não contamos.

Como se sabe, houve alguns casos, e graves, de insubordinação militar. O mais grave de todos foi o do 17 de infantaria, de guarnição em Agde.

Mais de 500 soldados d'esse regimento se amotinaram. Arrombaram a porta do paiol. Apuparam os officiaes. E, carregados de munições, e, de espingarda ao hombro, elles ahi vão, caminho de Narbonne, castigar aquelles que haviam disparado sobre os seus irmãos de miseria.

Muito bem. A França é um paiz militar. Portugal não o é. Em França ha tradições de farronca

que não ha em Portugal. A França é o paiz do duello, do pundonor, do orgulho, da altivez, do diabo a sete. Ora se quando foi da insubordinação dos nossos marinheiros até alli o democrata Brito Camacho se indignava na *Lucta* contra o official de marinha que não puxou do seu revolver para o disparar sobre os soldados amotinados, entendendo que a honra d'um official é offerecer a vida em holocausto, sacrificando ao mesmo tempo a vida d'um ou mais dos seus subordinados, ao cumprimento do que Brito Camacho e outros chamam o *dever militar*, se o democrata Brito Camacho e outros olhavam com desprezo o almirante ou almirantes que procuraram por meios suavios demover os marinheiros, se os marinheiros, julgados e condemnados, apanharam annos e annos de degredo como castigo exemplar do seu gravissimo attentado, é claro que todos os officiaes do 17 de infantaria morreram em França,—depois de terem descarregado os seus revolvers sobre os soldados,—victimas do *dever militar*; é claro que os soldados do 17 de infantaria não foram submettidos por meio de exhortações, mas reduzidos á obediencia a tiro de canhão e de espingarda; é claro que os que escaparam d'essa chacina summaria acabaram por ser fuzilados. Ou a França não é um paiz militar, nem um paiz de valentes, nem um paiz de honra, como se affirma, como se apregoa.

Pois nada d'isso succedeu. Nada! Nada! Que miseravel França, ao pé do glorioso Portugal!

Os officiaes não tomaram o passo aos soldados, nem tentaram. Tentar para quê? Entendiam elles, entendiam os francezes—gloria a Deus, que entendem o contrario em Portugal, para honra nossa, os mais afamados democratas—que era um sacrificio inglorio e inutil.

«Nous avons entendu—escrevia um jornalista—des soldats crier à la foule: «Nous vous recommandons nos officiers. Ils ne sont en rien dans le mouvement actuel.»

Mais il n'aurait pas fallu que ces messieurs tentent de vouloir arrêter le mouvement. Il y serait allé de leur vie.»

Não. Os officiaes não tomaram o passo aos soldados, nem tentaram. Os officiaes, de revolver em punho, não disséram aos soldados: *parae, ou passareis por cima dos nossos cadaveres*, bella phrase romantica que arrancaria aos nossos democratas,—que, aliás, nunca mataram, nem nunca morreram deante de ninguém,—artigos e discursos soberbos de rhetorica e de admiracão. Os officiaes francezes... ficaram a chorar!

«Nous avons vu des officiers qui versaient des larmes.»

O general não correu atraz dos amotinados com forças superiores para os reduzir soberbamente, valentemente, á obediencia. Não, senhores. Apareceu-lhe pela frente com um regimento inteiro, ou mais de mil e oito centos homens. Isso é verdade. Mas limitou-se a exhorta-los, a aconselha-los.

O general pede. O general quasi que supplica. O general promete que nenhum d'elles será castigado individualmente. Os soldados desprezam as exhortações, os conselhos, os pedidos, as promessas do general.

«Il nous a accompagné—contava um soldado—depuis Villeneuve jusqu'à Beziers. Mais ses conseils c'était comme s'il avait parlé à la lune. Il nous a promis qu'aucun de nous ne serait puni si nous rentrions à Agde.»

—Contez ça à d'autres! lui avons nous répondu.

—Avez vous à vous plaindre de vos chefs? Ils sont justes et bons.

—Oui, ce sont des vaches. Et le général a eu beau faire patte douce.»

O general insistiu, chegados os revoltosos a Beziers.

«Il leur conseille de rentrer à la caserne de Beziers où l'on a pris des dispositions pour les recevoir. Ils rendront leurs armes et ne seront pas punis. On lui fait répéter cette promesse. Il jure alors sur ses galons qu'elle sera tenue. Il y a encore quelque hésitation; puis, sur les conseils sympathiques de la foule, les soldats se décident à prendre le chemin de la caserne.»

E o presidente do conselho, Clémenceau, aprovou e louvou, do alto da tribuna, a conducta prudente do general.

Oh, misera França! Oh, covarde França!

Gloria ao valente, ao heroico, ao pundonoso Portugal!

E no proximo domingo diremos o mais que de interessante ainda temos a dizer.

## Cartas de Lisboa

5 DE JULHO.

Lamentava um dia d'estes uma gazeta a incoherencia e a indifferença publica. Mas como não ha de ser assim se os que *dirigem a opinião* são precisamente os primeiros a dar o exemplo da indifferença e da incoherencia?

O sr. João Chagas contava n'outro dia no *Primeiro de Janeiro* uma aventura que lhe tinha succedido. Tomou o electrico na Avenida Ressaño Garcia e o acaso fez com que, ao sentar-se, ficasse ao lado do mesmo sr. Ressaño Garcia. Grande surpresa para o sr. João Chagas.

«Quando o nome de uma rua é o nome de um homem, supõe-se que esse homem foi um grande homem e digo *foi*, porque se supõe tambem que esse homem morreu. A rua é uma das formas da immortalidade e não é, com effeito, presumível, ser vivo e estar já na immortalidade. A condição essencial para que o homem seja immortal é—morrer. E' curioso, mas é assim. Imagine-se agora a minha surpresa sentando-me ao lado de—um morto! Foi a surpresa que eu senti.»

Mas o sr. João Chagas está nas condições do sr. Ressaño Garcia. O sr. João Chagas tambem gosa, já, d'algumas das formas da immortalidade. Querem-no mais incoherente?

Incoherente e frivolo. Este homem, como já tenho dicto algumas vezes, só visa, evidentemente, o effeito da phrase. Escreve para fazer estylo. E' o seu objectivo. Como é o unico objectivo de quasi todos aquelles que se dizem escriptores em Portugal.

Este homem combate o duello. Acha mesmo o duello absurdo. Mas bate-se em duello porque os outros se batem em duello! E ainda por outro motivo: porque se declarar que não se bate em duello augmenta o numero dos seus inimigos!

Este homem reconhece que fumar é um vicio. E um mau vicio. Pergunta a si proprio: porque fumo eu? porque comecei eu a fumar? E responde: porque os outros fumam!

Este homem recebe um livro sobre ceramica, que lhe parece substancioso e profundo. Mas este homem confessa que fica atrapalhado, sem saber o que ha de dizer deante d'esse livro, atrapalhado que se apodera de todos os outros homens de letras como elle, e que resulta do facto dos homens de letras não estarem preparados em Portugal para tratarem coisas sérias! Se o não diz por estas palavras, di-lo por outras que significam a mesma coisa.

Como não ha de ser indifferente, incoherente, frivolo, um paiz, cujos homens de maior nomeada são, como o sr. Chagas, verdadeiros prototypos de frivolidade?

N'este mesmo instante eu leio nos jornaes *nova chamada* para

a projectada apothese do sr. Bernardino Machado. Sahiu hoje outra vez no *Século* e na *Lucta*. Aquella burlesca creatura não desiste,—porque, sabem-no todos quantos o conhecem, é elle proprio quem promove as suas festas, quem traça o plano das suas festas, quem incita e estimula as manifestações em sua honra—não desiste da grande procição de 28 de julho, já pittorescamente baptisada com o nome de *procição das medalhas*.

E' uma das maiores formas d'immortalidade, essa d'um homem receber em vida a homenagem de milhares de cidadãos, que desfilam por baixo da sua janella com bandeiras, com musicas, com hymnos, acclamando-o, abatendo estandartes na sua frente, dobrando o joelho deante de Jupiter, que, de cima da janella, se sorri com ar olympico, e ess'outra da divina apothese ficar gravada n'uma medalha d'oiro em honra de Jupiter, e em 15 medalhas de prata em honra da mulher e dos filhos de Jupiter. Pois o sr. João Chagas, que zomba, e muito bem, da immortalidade do sr. Ressaño Garcia, não só não zomba da immortalidade do sr. Bernardino Machado, como ha de ser um dos manifestantes do 28 de julho, e como ha de escrever uma chronica em honra da famosa *procição das medalhas*.

Como se comprehende isto? Comprehende-se pela apreciação que, no *Primeiro de Janeiro*, o mesmo sr. Chagas fez da honra dos politicos. A honra dos politicos, disse o sr. Chagas, não é nada.

Exactamente. Mas não faça exclusão para os politicos republicanos, sr. Chagas!

Isto é, dizer-se que não é nada é deixar incompleta a expressão. E', sim, senhor. E' alguma coisa. E' a patifaria, é a canallice, arvorada em regra. E' a patifaria, é a canallice sancionada. Pelo menos em Portugal.

Vão os *nenês* do sr. Bernardino Machado receber, cada um, a sua medalha de prata, porque illustre papá fez o heroico sacrificio de se demittir—tendo, não esquecer, uma grande fortuna—de... lente da Universidade! E' a coisa mais ridicula que, entre tantas ridiculas que vemos a toda a hora, se tem feito em Portugal. E faz-se sem um protesto dos jornaes republicanos. Que dizemos? Com applauso d'esses jornaes, que não cessam de se rebaixar ignobilmente, n'um servilismo immundo, deante d'el *gran Bernardino Machado*. Immundo. Não tem outro nome. O reclame constante a esse homem, a toda a hora e por tudo, e nos termos em que se faz, é a maior porcaria moral a que se assiste n'esta terra.

E' incapaz o partido republicano da menor manifestação a favor das liberdades publicas supprimidas. Não as restabelece. Não tem meio de as restabelecer. Os seus chefes teem dado, e dão a cada instante, provas da mais absoluta incapacidade. Offerecemos ao mundo um espectáculo vergonhoso. Pois muito bem. Para completar a obra da desvergonha nacional, para mostrar ao mundo o que ha a esperar da regeneração d'este paiz por meio

dos partidos revolucionarios, tem um d'esses partidos o impudor de aproveitar esta occasião de miseria moral para exaltar um dos seus chefes, n'uma homenagem que, em vida, raramente ou nunca, haverá sido concedida a um d'esses grandes vultos consagrados por toda a humanidade.

Que ignominia! Que impudor!

São estupidos. Ha muita estupidez em Portugal. Mas poderia haver estupidez e haver vergonha. Não é só estupidez. E' lama. E' o caracter nacional apodrecido até á infamia aviltante, até ao lodo.

E' rastejar pelo prazer de rastejar. E' ser vil pelo habito de ser vil.

Bernardino Machado é um pateta. Toda a gente o sabe. Foi, por odio a João Franco, por despeito, por rivalidade, que vinham desde o ministerio regenerador que recolheu a herança do sr. Dias Ferreira, foi, dizemos, aquelle que no partido republicano mais concorreu para a intransigencia com que esse partido recebeu e tratou João Franco. Foi—ao mesmo tempo que apregoa cordealidade e conciliação a toda a hora—um elemento de guerra à *outrance* ao ministerio actual. E', por isso, um dos que teem maior responsabilidade, ou o que tem maior responsabilidade, no formidavel desastre—que todos estão presenciando—da nossa politica democratica.

Pela sua inhabilidade, pela sua ancia damninha de popularidade, alimentou um outro desastre, previsto por nós, previsto por toda a gente que reflecte, desde o primeiro instante. A greve dos estudantes não deitaria abaixo o ministerio. Nem se aguentava. Alimenta-la, era marchar para um desastre certo.

Mas, mesmo que Bernardino Machado fosse um homem d'alta envergadura intellectual, mesmo que sobre elle não pesasse responsabilidade nenhuma pela vergonhosa situação creada, não deixaria de ser uma mascarada, uma verdadeira mascarada, a manifestação projectada, e uma mascarada ignominiosa, infamante, vil, n'esta occasião em que não ha energias para impôr ao poder o respeito do povo, o respeito das regalias que nossos paes conquistaram, o respeito da nossa integridade moral.

Andaram ahi os jornaes tarjados de lucto. Ornadas de lucto teem apparecido as janellas das casas de varios cidadãos. Crepes, ás occultas, nos edificios publicos, crepes nas estatuas. Porque? Por quem? Quem está de lucto? Quem morreu? As liberdades publicas? Mais do que isso. As liberdades publicas só morrem quando morrem os homens que as não sabem salvar. Morreram as energias, não já as precisas para conquistar liberdades, mas as indispensaveis para manter liberdades conquistadas por outros. Morreu o nosso brio de povo livre. Morreu o caracter nacional. Pois quando morre o caracter d'um povo, pois quando se enterra o brio, pois quando succumbem as energias moraes, não ha logar para festas de qualidade nenhuma, para apotheses a ninguém. Apotheses a quem? Apotheses porque? A

quem ha de fazer apotheseos a alma nacional, se a alma nacional está morta?

Não é uma apothese, isso que se vae fazer. E' uma mascarada. E' uma farça. E' um entremez. E como é triste que os espectros que vagueiam por essas cidades, por essas villas, por essas ruas, nem tenham força para vir a Lisboa no dia 28 de julho obrigar os farçantes a respeitarem os menos a nossa deshonra, a nossa vergonha, o aviltamento nacional.

Ah, que paiz! Ah, que partido!

E' o partido republicano que faz essa apothese. O partido da reabilitação, o partido da reforma!

E ao mesmo tempo que eleva um Deus, sepulta denses. Se Bernardino Machado, *el gran burlesco*, merece honras divinas por se ter demittido de lente da Universidade, em que situação ficam Affonso Costa, e o dr. Angelo da Fonseca, que, sendo lentes da Universidade, não se demittiram, nem pensaram n'isso?

Por todos os lados a contradicção, a incoherencia, a iniquidade, a estupidez e a vergonha.

E a vergonha! E a vergonha!

Se ha homem que o diga com dôr, sou eu. Porque se ha homem que tenha resistido sempre, e sempre, a descrever da nossa salvação, esse homem sou eu tambem.

Ah, mas sinto que me fallece a crença, mas sinto que se me vae a esperança!

C.

POVO DE AVEIRO

Vende-se nas seguintes localidades:

LISBOA

Tabacaria Monaco, ao Rocio. Tabacaria Americana, ao Chiado. Tabacaria Duarte, rua de S. Paulo 97. Tabacaria Silva, rua D. Carlos 1, 102-104. Tabacaria Fillismino Paulo, rua da Prata, 205-207. Rua Nova do Almada, 46 (Junto a drogaria Falcão). Havaneza d'Alcantara. Mercado d'Alcantara n.º 6.

PORTO

Kiosque, rua Sã da Bandeira 41.

COIMBRA

Tabacaria Central, rua Ferreira Borges 27.

IMPRESSÕES

DO

EXTRANGEIRO

E IMPRESSÕES

DE

PORTUGAL

XXI

Nem a lei de 1889, discutida e votada pela fórma escandalosa porque o demonstrámos, nem a maneira indigna porque essa lei foi falsificada, publicando-se com o respectivo regulamento uma tabella diversa da que havia sido approvada pelas côrtes—e finge-se agora indignação contra as dictaduras, como se, até sem se declarar a dictadura, nós não houvessemos vivido sempre em dictadura—satisfizeram a espantosa ganancia dos lavradores. Era preciso mais, muito mais. E, por isso, veio o celebre decreto de 27 de agosto de 1891, que annullava as pouquissimas garantias que a lei de 1889 deixara de pé, e o decreto de 3

de março de 1892, ampliando e confirmando aquelle.

O nosso castigo,—diziam os commerciantes na sua representação de 13 de setembro de 1893,—por haverem tido a ousadia de protestar em 8 de outubro de 1890 contra varios escandalos, entre outros a falta de fiscalização sobre o trigo de contrabando!

«No louvavel intuito de proteger a agricultura, foi publicado o decreto de 15 de julho de 1889 que veio ferir vivamente, com as suas restricções, os principios da liberdade de commercio e de industria. Era uma lei d'experiencias, dizia se. Reunida a commissão incumbida de organisar o regulamento para a execução da mesma lei, os delegados fiscaes—industriales e commerciaes—viram com surpresa (e lavraram seus protestos nas respectivas actas) que os delegados agricolas se oppunham a que se regulamentasse a produção e transitio do trigo encontrado circulando na raia. Foi-lhes concedido este extranho privilegio. Com as fraudes do contrabando perde o thesouro publico, soffre o commercio licito; mas a agricultura—acceitando os beneficios que lhe eram concedidos pelas restricções da lei no despacho dos trigos—recusou o regimen fiscal, na parte regulamentar onde devia encontrar disposições protectoras.»

Os delegados agricolas, pois, oppuzeram-se a que se regulamentasse a produção e transitio de trigo que se encontrasse circulando na raia. Os delegados do commercio protestaram. Era d'esperar que estes recebessem o seu castigo. E receberam-no. Pelo paragraho 1.º, do art. 1.º, da lei de 15 de julho de 1889, era permitido importar trigo estrangeiro a quem provasse ter comprado ou farinado trigo nacional em quantidade egual ao dobro da que se pretendesse importar. O decreto de 27 de agosto de 1891 eliminava esse paragraho, prohibindo absolutamente a importação de trigo estrangeiro. Pois para que se havia de importar trigo estrangeiro, se nós já tinhamos trigo nacional que chegasse e se «era facto reconhecido e provado que com trigos nacionaes se podia fabricar farinha que produzisse pão egual ou superior ao feito com farinhas de trigos exóticos?»

A eterna mentira e a eterna especulação d'este paiz!

O decreto de 3 de março de 1892, declarando que o paiz precisava de importar n'esse anno o trigo necessario á panificação desde 1 de abril até 31 de agosto, permitia a importação «sómente a quem fosse fabricante de farinhas e estivesse como tal inscripto na matricula que para fabricas, moinhos e azenhas era instituida e regulada nos paragrahos seguintes.» E assim ficou definitivamente annullada aquella garantia da Carta—como muitas outras tem sido annulladas—segundo a qual *nenhum genero de trabalho, cultura, industria ou commercio poderia ser prohibido, uma vez que se não oppozesse aos costumes publicos, á segurança e saude dos cidadãos.*

Tudo isto era feito a pretexto de desenvolver a cultura do trigo no paiz, como se viu nos artigos anteriores. Proclamava-se que o paiz, á sombra d'esse proteccionismo escandaloso, viria a nadar em trigo, não sendo mais preciso despejar no estrangeiro maquinas e maquinas de libras com grave prejuizo da economia nacional. Esta *cantata* era da praxe a cada lei, a cada decreto, a cada regulamento em favor da oligarchia agricola feudal, a que estavamos e estamos sujeitos. Pois bem. Em 30 de setembro de 1892,—um mez depois das colheitas!—publicava-se novo decreto permitindo, n'esse anno agricola, que mal começava, a importação de 138.000.000 de kilogrammas de trigo exótico, precedido d'um relatório cheio de rhetorica, que principiava por estes periodos:

«Escassissima foi a produção do trigo em todo o paiz, no derradeiro anno agricola, sendo contristadores os quadros que a estatistica e a fiscalização do governo poderam até hoje apurar. As offerias registadas no mercado central de productos agricolas, até ao dia 26 do corrente mez, ultimo dia do prazo marcado no aviso que, em conformidade da lei, se fez publicar pela secretaria d'aquelle mercado, apenas attingem 923.891 kilogrammas, ao passo que a quantidade de trigo necessario para o consumo, até á proxima futura colheita, não devera calcular-se em menos de 138.000.000 kilogrammas.»

No anno seguinte a mesma coisa. Sahia novo decreto em 26 de setembro de 1893, permitindo a importação de 140.000.000 kilogrammas de trigo, escrevendo os senhores ministros no relatório que *mais uma vez lamentavam a fraca produção de trigo no paiz.*

E eis como a verdade dos factos constantemente vinha pondo a nú a mentira da especulação.

H. C.

CAMPOS LIMA

A QUESTÃO DA UNIVERSIDADE

Depoimento d'um estudante expulso

Campos Lima é uma das victimas da ira universitaria. Tendo sempre, desde que n'aquella Universidade entrou, manifestado corajosamente as suas opinões; o seu espirito de revoltado e a sua maneira de proceder de fórma alguma podiam agradar á intolerancia theologal dos enfatuados mestres. Por isso, após os acontecimentos de 28 de fevereiro e 1 de março, foi-lhe instaurado um processo academico em que a Universidade era ao mesmo tempo juiz e parte. Julgado summariamente pelo celebre conselho de decanos, foi condemnado a interromper por dois annos a sua formatura. E uma vez expulso, em logar de esperar ociosamente que o governo lhe desse o indulto, continuou a sua obra de propaganda contra o velho ensino universitario que, como mostra no seu livro, energicamente sempre havia combatido. E' assim que nos apparece *A questão da Universidade* a que hoje nos vamos referir.

Está este livro dividido em duas partes: *O meu processo e o processo d'elles.*

A primeira parte é um conjunto de documentos notaveis, discursos e artigos contra a Universidade e o seu ensino, e termina pela historia do movimento academico de 1907.

Começa o auctor por se referir á fama de irreverente e indisciplinado que gosava na Universidade de ha muito antes dos ultimos acontecimentos. Transcreve em seguida uma *Carta aberta* que publicou no fim do seu primeiro anno, quando do suicidio do seu amigo e condiscipulo Teixeira de Vasconcellos, e que era dirigida ao dr. Guilherme Moreira.

Essa carta é o brado indignado d'uma alma em revolta contra uma flagrante injustiça, contra uma perseguição atroz que produziu o suicidio d'um coraçao amigo, d'um bello rapaz querido de todos que n'aquelle momento principiava a sentir a vida, levado á morte por três annos de estudos perdidos.

Depois transcreve tambem alguns artigos da *Verdade*, jornal fundado pelo auctor [no anno lectivo de 1903. N'um d'esses artigos protesta energicamente contra o juramento imposto aos *novatos* quando entram para a Universidade. Esse juramento que é tudo quanto ha de mais vexatorio para a dignidade do estudante, define e caracteriza bem o *primeiro estabelecimento scientifico do paiz*...

E' realmente vergonhoso que um individuo para estudar philosophia, ou mathematica, ou direito, ou medicina, ou theologia, tenha primeiro que jurar defender a religião e a Virgem Immaculada!

Mas adiante. Interessando-se sempre pelo progresso moral e intellectual

da Academia, propõe e defende tenazmente a idéa d'um Congresso Academico em que se tomassem medidas energicas e se reclamasse contra o «ensino anti-racional, mal orientado, fóra da epoca, sem o rasgo d'uma idéa fecunda, peccando na essencia e nos processos» que se ministra na Universidade.

N'esses poucos artigos insiste Campos Lima pela realização do Congresso, ao que parece sem ser attendido. N'outros refere-se ao uso da capa e batina, tradição da antiga Universidade fradesca e humanista, e n'outros ainda trata varios assumptos todos da mais alta importancia.

Tudo isto aggravou, está claro, o seu processo e provocou os odios dos mestres cathedrauticos.

Insero ainda na primeira parte varios discursos reclamando a reforma do ensino universitario proferidos em comicios, sessões solemnes, etc. Entre esses o que proferiu no comicio publico promovido pelos estudantes e realizado no Porto em março d'este anno, quando estavam sendo instaurados os processos academicos, e outro proferido em Lisboa na reunião magna dos estudantes d'aquella cidade, na vespera da reabertura das aulas.

Qualquer d'estes mostra bem o espirito reflectido e sensato de Campos Lima, e a sinceridade que o caracteriza.

No capitulo IV conta o auctor com graça e leveza a sua prisão quando, a 8 de abril, dia da reabertura das aulas, se metteu no comboio com alguns dos seus collegas expulsos para vir a Coimbra, disposto assim a infringir o fóro academico. Este capitulo é, para mim, um dos melhores do livro de Campos Lima.

\*\*

A segunda parte do livro de Campos Lima compõe-se de tres capitulos sómente. Esses tres capitulos que discutem respectivamente os lentes, a Universidade e os governos, constituem uma importante obra analytica d'onde se tiram rapidamente conclusões logicas.

O auctor não se condemna por ter tomado parte nas manifestações dos Geraes onde se não desceu á grosseria insultuosa que algumas pessoas apregoam, sem contudo o protesto de *deixar de ser inteso*. E é absolutamente aceitavel a sua justificação, como vae vêr-se pelos periodos que em seguida transcrevemos:

«Os estudantes não podiam escolher melhor fórma de manifestarem a sua antipathia pelo ensino da Universidade do que a de manifestarem a sua aberta antipathia pelos lentes e sobretudo pelos lentes de Direito. Porque os lentes de Direito são simbolicamente a expressão mais perfeita e concreta d'esse ensino refalsado, que só serve a imbecillisar quem a elle se adapta mentalmente e que nunca contribuiu para o desenvolvimeto intellectual de ninguém.

A Faculdade de Direito, confraria impenetravel, só para os medicos e abrindo de vez em quando a sua porta por engano a um homem de talento, que logo á pressa se vai embora; a Faculdade de Direito, que recruta os seus professores entre os estudantes que se humilhem perante a cathedra e só raramente por descuido recebe alguma pessoa independente; a Faculdade de Direito, com as suas lições cosidas e recosidas no velho caldeirão da rotineirice, temperadas de asneiras bravias repetidas servilmente d'outros asneirões já fallecidos, nunca soube impôr-se como uma classe respeitavel, digna de merecer que na questão da Universidade ella ficasse á parte, para que a discussão se estabelecesse abstratamente no dominio puro da doutrina, debatendo-se o systema de educação sem envolver referencias desprestigiosas para ella. Porque n'uma remodelação radical do ensino o primeiro artigo deve ser o da aposentação definitiva dos lentes de Direito, chamando á Universidade quem tenha proficiencia e aptidões naturaes para o professorado.

Eu não posso comprehender que, sendo o ensino de Direito detestavel e sendo os melhores *ursos* a genuina afirmação da palermica universitaria, que os lentes possam vir a ser na sua generalidade verdadeiros homens de

sciencia. Quem protesta contra o ensino de Direito como elle se faz na Universidade não pôde deixar de condemnar como ridiculos e pretenciosos os que, fazendo esse mesmo ensino sem se revoltarem se imaginam uteis socialmente.

Eu avanço mesmo mais. N'uma grande parte são elles que tornam peor o systema de ensino. O lente tem ainda assim na sua cathedra uma relativa liberdade. Pôde attenuar em muito os defeitos do programma, corrigindo-o com um methodo mais racional e pondo nas prelecções intelligencia e dedicação. Quantos lentes de Direito podem com verdade afirmar que durante toda a vida tiveram nma centena de almas que os escutassem interessadamente? Uma prelecção em Direito é uma coisa tão detestavel que alguns n'um rebate de consciencia, já chegaram a suprimi-la.

Quando o programma determinasse o estudo de certa materia considerada pelo criterio do professor como de pouco alcance e com resultados contra-producentes servindo só a sobrecarregar a memoria do alumno sem vantagens praticas, podia o lente, sem fugir ás responsabilidades da lei, reduzir a exposição de taes materias e não exigir que se decorassem textualmente, contentando-se com uma idéa ligeira do assumpto. Mas, em vez d'isso, o que se encontra é quem nos obrigue a reproduzir quasi servilmente palavra por palavra a sebenta sahida na vespera, ainda que haja dez paginas de datas, de leis e de numeros d'artigos.

E sobretudo se o lente fosse verdadeiramente um homem interessado em desenvolver o espirito dos seus alumnos, na comprehensão exacta do seu papel de educador, estabeleceria sempre na sua aula a mais perfeita liberdade de relações, tratando os discipulos como amigos e companheiros de trabalho e nunca com aquella superioridade caracteristica da cathedra. E o que vemos nós? Ha aulas que parecem collegios de padres irasciveis, de ferula na mão. Não se pôde a gente mecher, rir-se, tossir, nem quasi virar a pagina d'um livro. E' como quem se mette n'uma fórma, d'onde só pôde sair passada a hora e meia regulamentar que dura a aula.

Por isso eu entendi sempre que os lentes são tão dignos de reprovação emquanto se comportarem assim, como a propria Universidade emquanto não traz um regimen moderno de ensino.»

(Conclue no proximo n.º)

HOMEM CHRISTO (Filho).

SERÕES

Com o n.º 24 fecha com chave de ouro o volume IV (segunda serie) d'esta magnifica revista mensal, a publicação mais aprimorada e barata que se tem feito no nosso paiz. O presente numero abre com uma palpitante monographia sobre *Os dramas do incendio* em Lisboa, devida á pena do conhecido investigador sr. Victor Ribeiro. Segue um interessante artigo de vulgarisação astronomica sobre os presumidos habitantes do planeta Marte. Conclue n'este numero a sua interessantissima narrativa anecdotica sobre a campanha do Gangunhana o insigne romancista e historiador Eduardo de Noronha. Chama as atenções um curioso estudo sobre a musica do antigo Egypto, em que revela excepçoes aptidões a sr.ª D. Josephina de Vasconcellos Abreu, herdeira d'um nome illustre. Continúa o admiravel romance de Conan Doyle, *A lenda do canarrão*, em que a personalidade já proverbial de Sherlock Holmes revela mais uma vez a perspicacia dos seus methodos de deducção na investigação d'um extraordinario crime. Celebra-se o centenário do grande precursor do romance moderno, Henry Fielding, cujo cadaver repousa em Lisboa, n'um bello artigo assignado pelo sr. Carlos de Mesquita. O sr. A. F. Barata apresenta novos e interessantes apontamentos sobre as antiguidades do Evora. A parte *Serões dos Bebês* insere um lindo conto, primorosamente illustrado. Um soberbo soneto de Affonso Vargas se intercala no texto. E tudo isto, como a usual secção de *Actualidades*, que fecha a parte do magazine, é profusamente cheio de gravuras, photographias e estampas, que auxiliam a intelligencia do texto.

Accrescem os habituaes supplementos *Serões das senhoras*, com grande numero de figurinos, labores, artigos de modas, de interesse feminino, receitas, etc., e a *Musica dos Serões*, preenchida pelo grande nome de Beethoven.

O numero completo, com 101 illustrações, afóra vinhetas, 200 reis.

Pedidos feitos a Ferreira & Oliveira, Lt.ª—Rua do Ouro, 132—LISBOA.

# MACHINAS "PFAFF,"

- E -

## BICYCLETES OSMOND

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS, estabelecidos em Sangalhos, com deposito de relógios e machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim com officina de reparações tanto de relógios como de machinas de costura e bicyclettes, previnem os seus amigos e freguezes que montaram em Aveiro, Largo do Espirito Santo, proximo á fonte das 5 bicas, (Chafariz da Agua), uma succursal para venda das suas machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim, annexo ao mesmo estabelecimento, tem uma officina de reparações com pessoal habilitado para fazer concertos tanto em machinas de costura como em bicyclettes. Pedem por isso, a todas as pessoas de suas relações e ao publico em geral, a fineza de não comprarem em outra parte sem primeiro visitarem e confrontarem os preços tanto no seu deposito em Sangalhos, como na sua succursal em

### Aveiro, Largo do Espirito santo

para verem as vantagens que estas casas lhes offerecem. Toda a correspondência deve ser dirigida a

#### JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

Anadia, Sangalhos; ou para Aveiro ao sr.

#### JOSÉ AUGUSTO REBELLO

Gerente da casa Simões & Filhos

Alugam-se bicyclettes tanto em Sangalhos, como no Largo do Espirito Santo, em Aveiro.

### ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

- DE -

## Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça, corda, fio e linha de pesca.* Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

#### Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

### JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

**V**ENDEM e trocam relógios de bolso e de salla.

Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura "PFAFF", White e outros auctores.

Bicycletas "BRISTOL", "TRIUMPH", "OSMOND", "GUFTYNER" e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

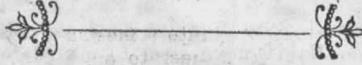
Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA - SANGALHOS

Especialidade em cartões de visita

TYPOGRAPHIA  
DO  
POVO DE AVEIRO



### Artigos photographicos.

POR PREÇOS MODICOS,

Vendem-os Felix, Filhos

AVEIRO

### HOTEL CYSNE BOA-VISTA AVEIRO

JOSE FERNANDES LAGO, antigo proprietario do bem conhecido CAFE CHINEZ, de Espinho, participa a todos os seus amigos, freguezes e ao publico, que tomou de trespasse o HOTEL CYSNE, de Aveiro. Posto que este antigo estabelecimento gosse desde ha muito de excellentes creditos, o seu novo proprietario não se tem poupado a despezas e sacrificios para bem servir todas as pessoas que preferem a sua casa.

Resolveu tambem estabelecer um servico de café e restaurante, achando-se o estabelecimento aberto até altas horas da noite, afim de que o publico possa encontrar ali as melhores distrações.

Para que o serviço seja completo e os freguezes tenham todas as commodidades, encontrar-se-ha á chegada de todos os comboios á estação de Aveiro um correto do mesmo hotel.

Por todos estes motivos espera o novo proprietario do HOTEL CYSNE a continuação das ordens de todos aquelles que em Aveiro precisem de alojamentos ou quaisquer outros serviços que ali lhes possam ser fornecidos.

Feltos quasi de graça só na

#### Officina de alfaiate

DO

#### ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO

RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

medico e cirurgião pela Escola Medico-Cirurgica do Porto

**José Maria Soares**  
**CLINICA GERAL**

Consultas todos os dias das 10 h. em diante  
Chamadas a qualquer hora

R. dos Mercadores - AVEIRO

### IMPRESSÕES DE VIAGEM

O QUE EU VI E OUVI ATRAVEZ DO EGYPTO E DA VELHA EUROPA

Vendem-se n'esta redacção, por 800 réis, os dois bellos e excellentes volumes d'esta publicação, escripta pelo nosso illustre correlligionario José de Souza Larcher.

# METHODO JOAO DE DEUS

LEITURA

Primeira parte—**Cartilha Maternal ou Arte de Leitura**—18.ª ed., cart. 200 réis, broch. 150  
**Album**, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 58000  
**Quadros Parietaes**, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 68000  
 Segunda parte—**Os Deveres dos Filhos**—1.8ª ed., cart., 200 réis, broch. 150  
**Gula práctico e theórico da Cartilha Maternal**—1 vol. de 176 pag., compilado por João de Deus Ramos..... 150

ESCRIPTA

**Arte de Escripita**—cada caderno, . . . . . 30  
**Livros de polémica sobre o Método**  
**A Cartilha Maternal e o Apostolado**..... 500  
**A Cartilha Maternal e a Crítica**..... 500

De mesmo auctor: **LITTERATURA**  
**Campo de Flôres**—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.ª ed., (esgotado), 700  
**Prosas**—Coordenadas por Theophilo Braga . . . . . 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.º—LISBOA  
 Venda dos livros escolares de João de Deus desde 1 de outubro de 1906

DESCONTOS

Em 20 exemplares (d'um dos livros, «Cartilha Maternal» ou «Deveres dos Filhos»), 15 0/0.  
 Em 100 exemplares dos mesmos livros, 20 0/0.  
 Em 500 exemplares dos mesmos livros, 25 0/0.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripita.

A' VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

## FÁBRICA DOS SANTOS MÁRTYRES

DE

CHRISTO, ROCHA, MIRANDA & C.ª

Moagem de trigo, milho e descasque de arroz, pelos systemas modernos e mais aperfeiçoados. Farinhas superiores, cabecinha, sementes, farellos e alimpaduras.

Compra-se milho, trigo e arroz a retalho e por atacado.

ESCRITORIO—R. DA ALFANDEGA

AVEIRO

## ETABELECIMENTO DE MERCEARIA

E FERRAGENS

- DE -

### ANTONIO FERREIRA FELIX, Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, réde para vedações, alviades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 45—AVEIRO